
Como fortalecer as resistências?

Apesar dos danos muitíssimos profundos que as indústrias causam às florestas do mundo, esse processo traz à tona algo mais: as fortes e diversificadas resistências que as comunidades afetadas articulam para defender seus territórios, meios de vida e sustento, culturas e até mesmo existências. A luta continua!

É sabido que as florestas continuam a ser arrasadas a passos largos. Cada vez mais, milhares de hectares são destruídos para dar lugar a projetos de mineração, extração de petróleo ou gás, plantações de monoculturas, como eucalipto ou dendê, hidrelétricas, concessões madeireiras, megaprojetos de infraestrutura, entre muitos outros.

Porém, além dos muitíssimos e inquestionáveis danos profundos que essas atividades causam em todo o mundo, elas trazem à tona algo mais: **as fortes e diversificadas resistências que as comunidades afetadas articulam para defender seus territórios, meios de vida e sustento, culturas e até mesmo existências. A luta continua!**

Apesar da criminalização e da violência intensas por parte das grandes empresas e dos governos para permitir essas atividades nocivas, bem como o apoio financeiro de agências de “desenvolvimento” e outras instituições financeiras para que os negócios continuem, as comunidades e os povos não deixaram de se mobilizar, organizar, articular e de resistir ao ataque do modelo chamado de “desenvolvimento”. Sem essas lutas, as florestas, as águas e os territórios seriam destruídos em uma escala maior.

Este boletim é uma reflexão sobre as diferentes resistências e os enormes desafios – os vivenciados hoje e os que virão no futuro. **Nós nos perguntamos: como fortalecer as resistências e a organização de base para impedir a destruição de florestas e povos no contexto atual?**

Uma entrevista com Kum'Tum, do povo Akroá-Gamela, na entrada da **Amazônia brasileira**, nos introduz em um processo pessoal e coletivo no qual **recuperar a memória e a voz como povo foi fundamental para reconectar e retomar terras e vida**. “Não se retoma apenas para produzir; a terra é retomada porque é um lugar sagrado, é um lugar que dá sentido à existência”, nos lembra Kum'Tum.

De **Serra Leoa** se relata a história de uma comunidade em Port Loko. Após quase dez anos de luta, **um tribunal decidiu que as terras**, cheias de plantações de dendê após serem apropriadas por uma empresa por meio de enganos, **devem ser devolvidas às comunidades**. Um processo de articulação entre organizações locais, regionais e internacionais parece ter sido crucial no desenvolvimento da luta. Agora, elas trabalham para saber o que devem fazer com as grandes extensões de terra ocupadas por fileiras e fileiras de dendezeiros.

Vindo da **Índia**, um artigo explora várias formas de reinvenção e reconstrução de organizações de base em Korchi, Maharashtra. Com uma ênfase especial nos coletivos de mulheres, o texto destaca

como elas fizeram com que sua voz fosse ouvida não apenas para resistir à mineração, mas também nas novas formas de tomada de decisões nas aldeias e no nível de supra-aldeia. Nesses coletivos, são formuladas estratégias para florestas com controle local, revive-se a identidade cultural, afirma-se a democracia direta e de gênero, e se questionam os modelos de desenvolvimento existentes, entre outras coisas.

Da **América Latina**, outro artigo reflete sobre **os múltiplos ataques sofridos pelas mulheres defensoras de territórios**. Nele, é compartilhado como elas realizam várias ações que permitiram o posicionamento de suas perspectivas específicas e como, em muitas ocasiões, elas conseguiram frear ou paralisar temporariamente as atividades extrativistas. Assim, destaca-se o **processo de cura como fundamental no diálogo de saberes entre povos, contextos e gerações, e a partir da reivindicação da memória das antepassadas**.

Este boletim também inclui **uma entrevista com o ativista camaronês e defensor dos direitos humanos Nasako Besingi**. Besingi nos convida a refletir sobre o significado do fato de a terra, na legislação da maioria dos países africanos, “pertencer ao Estado”. Ele também **nos aponta estratégias e desafios importantes para construir movimentos fortes**. “O fortalecimento da solidariedade entre comunidades e os intercâmbios entre povos direta e indiretamente afetados por projetos de desenvolvimento para construir confiança em nível de comunidade representam a espinha dorsal de qualquer resistência bem-sucedida”, ele propõe.

Da **África do Sul**, um artigo fala sobre o **Tribunal Permanente dos Povos**, onde foram apresentados mais de vinte casos da região. O Tribunal tem sido **uma plataforma importante para as comunidades compartilharem suas lutas e construir solidariedade**. O caso da comunidade de Xolobeni, na África do Sul, é emblemático. Após 16 anos de luta contra um conglomerado australiano de mineração, em novembro de 2018, conseguiu-se que o Tribunal decidisse em favor da comunidade, declarando que, antes de conceder direitos de mineração, deve-se obter o consentimento “total e formal” do povo de Xolobeni.

Com a história da empresa de plantações **Green Resources, na Tanzânia**, outro artigo nos mostra que essas empresas sempre precisam garantir o acesso a uma grande área de terra e como, para conseguir isso, fazem uma série de promessas falsas ou muito mal cumpridas, com o objetivo de convencer as comunidades a abrir mão de suas terras. A comunidade de Nzivi, no entanto, conseguiu conhecer essas experiências a tempo e decidiu dizer não a qualquer empresa que queira controlar parcelas significativas de suas terras. Isso ressalta **a importância de compartilhar histórias e experiências entre comunidades que enfrentam situações semelhantes**.

A luta continua!